

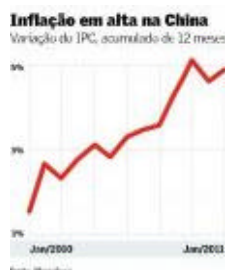
Alta salarial na China vai exportar inflação

Sophie Leung e Simon Kennedy
Valor, 09.03.11

Para alegria de seus concorrentes, salários na China estão crescendo

Durante décadas, os baixos salários na China ajudaram a manter os preços sob controle em todo o mundo. Essa era está marchando para o fim. À medida que a China pratica um aumento generalizado dos salários, a segunda maior economia no mundo poderá em breve aumentar os custos o suficiente para corroer as margens das empresas e assustar investidores receosos de inflação, o que reduziria sua exposição a títulos.

O governo está desempenhando um papel importante nesta mudança. O premiê chinês, Wen Jiabao, abriu o encontro anual do Congresso Nacional do Povo, no sábado passado, e agora os parlamentares deverão aprovar aumentos salariais para todo o país, como parte de um plano para impulsionar a economia nacional. Todas as 31 províncias e regiões chinesas provavelmente elevarão seus salários mínimos em 2011, pelo segundo ano consecutivo, segundo o Credit Suisse.



Economistas dizem estar em curso uma mudança histórica. "Quando os historiadores revisitarem 2010, o fato relevante será o enorme aumento nos salários que redefinirá o modelo de produção mundial e as perspectivas de inflação para os próximos 10 anos", disse Dong Tao, economista-chefe regional para a Ásia (excluindo o Japão) no banco em Hong Kong.

Tao diz que a China está se aproximando rapidamente do chamado ponto de inflexão de Lewis, em referência a Arthur Lewis, um economista ganhador do Prêmio Nobel e cujo trabalho descreve o momento crítico na emergência de uma economia em desenvolvimento, quando seu excesso de mão de obra seca, dando lugar a aumentos de salários, de preços e inflação. No caso da China, a demanda por trabalhadores

ultrapassará a oferta em 2014, segundo cálculos da equipe de Tao expostos em um relatório de janeiro.

Li Wei, economista do Standard Chartered em Xangai, diz que a China pode já ter atingido seu ponto de Lewis. Se o país "continuar a crescer a 9% ou 10% ao ano, haverá uma espiral de preços e salários" que empurrará os preços para cima e provocará uma alta na rentabilidade dos títulos em todo o mundo, diz Li. A própria inflação chinesa está ganhando força, acima da meta oficial de 4% para 2011 em cada um dos últimos quatro meses, segundo o Escritório Nacional de Estatísticas da China.

Apesar dos riscos, o governo da China quer incentivar os trabalhadores a gastar, aliviar as pressões sobre as famílias em dificuldades para comprar comida e suprimir a agitação social, diz Sun Chi, um economista da Nomura Holdings (RMN) em Hong Kong. Remuneração mais alta deverá também tornar as exportações mais caras. Isso agradaria os parceiros comerciais da China, que temem a enxurrada de produtos baratos.

Os salários estão subindo mesmo sem indução governamental. O desenvolvimento do oeste chinês transformou cidades do interior, como Chongqing, em centros de produção que concorrem por mão de obra com as fábricas costeiras. O salário dos trabalhadores migrantes que alimentaram as exportações chinesas subiram 40% em 2010, segundo Tao, do Credit Suisse. Essa remuneração continuará em alta de 20% a 30% em cada um dos próximos três anos, à medida que a liderança chinesa estimular a demanda doméstica.

Os trabalhadores vêm ficando seletivos. Recentemente, um aumento salarial superior a 10%, concedido por uma fábrica de sutiãs em Shenzhen, não foi suficiente para manter alguns trabalhadores na cidade. Luo Chenen, trabalhadora migrante de 33 anos, que costurava sutiãs para a Top Form International, empresa listada em Hong Kong, diz que "um bom número" de suas colegas saiu depois do Ano Novo Lunar para voltar a suas cidades natais. Não precisarão mais voltar a Shenzhen, porque "lá também há empregos".

"Neste momento, não é como no passado, quando encontrar emprego era difícil". Como prova do desespero dos empregadores, o distrito de Shenzhen, onde Luo trabalha, está tomado por avisos de empregos, alguns com promessas de "alta remuneração para contratação urgente".

Os salários da China agora estão em uma faixa intermediária em termos de custos laborais na Ásia. Em 2009, a remuneração mensal média em Shenzhen, na costa sul,

era de US\$ 235, enquanto em Shenyang, no nordeste da China, era de US\$ 197, ambas inferiores aos US\$ 3.099 em Yokohama, US\$ 1.220 em Seul e US\$ 888, em Taipé, segundo a Organização de Comércio Externo Japonesa. Em comparação, Ho Chi Minh, no Vietnã, tinha salário médio mensal nas fábricas de US\$ 100, Jacarta, na Indonésia, de US\$ 148, e Daca, em Bangladesh, de US\$ 47.

Não é só nas grandes cidades chinesas que os salários sobem com rapidez. No interior, onde pequenas fábricas surgem por todos os lados, a renda líquida per capita subiu 10,9% em 2010, para 5.919 yuans, segundo informe da Agência Nacional de Estatísticas da China, divulgado em janeiro. "Os salários dos trabalhadores migrantes rurais estão subindo mais rápido do que nunca e podemos provavelmente falar em uma explosão salarial aqui", escreveu Jonathan Anderson, economista-chefe para mercados emergentes do UBS, em Hong Kong, em 3 de fevereiro.

As autoridades políticas podem fazer mudanças no sistema de registro familiar "hukou", segundo analistas do UBS, medida que pode aliviar os problemas provocados pela escassez de trabalho. O sistema, que as autoridades já suavizaram de certa forma, exige que os chineses se registrem para ter licenças de residência quando se mudam e pode impedir o livre fluxo de trabalhadores. Quanto mais mobilidade tiverem os trabalhadores, mais rapidamente podem se mudar para partes do país que precisam mais de mão de obra.

Embora a reforma do hukou possa ajudar, a alta dos preços na China em breve entrará na inflação em outros países, se a história servir de parâmetro. Nos últimos dez anos, o Índice de Preços ao Consumidor da China precedeu mudanças no núcleo do índice de bens dos EUA em cerca de 20 meses, segundo dados agrupados pelo Société Générale e Bloomberg.

Embora preveja que a inflação nos EUA continuará tranquila, Rudy Narvas, economista em Nova York do banco francês, diz que agora há um risco "de alta", em parte pelos custos chineses. Os clientes empresariais nos EUA vêm dizendo que eles podem começar a "testar as águas" para ver quanto da pressão de preços da China e de outros países eles podem tentar repassar para os consumidores, diz.

As empresas de roupas e as redes varejistas já sentem o problema do aumento dos salários na China. A Next, segunda maior varejista do Reino Unido, anunciou em janeiro que os custos laborais mais altos na China serão responsáveis, em parte, por um aumento de 8% em seus preços nos dois primeiros trimestres.

A Li & Fung, grande fornecedora de roupa do Walmart Stores, prevê que o preço das exportações chinesas subirá até 15% neste ano, já que os trabalhadores ganham cada

vez mais. "As pressões não estão diminuindo", diz Randal J. Konik, analista de renda variável do Jefferies & Co., em Nova York, que identifica a fabricante de bolsas de luxo Coach e a varejista de roupas femininas Chico's como empresas com alta exposição à indústria chinesa.

Em 1º de janeiro, a Coach iniciou plano quadrienal para diversificar sua base de produção além da China, para países como a Índia, segundo o diretor de finanças da empresa, Michael F. Devine III, disse em teleconferência, em 25 de janeiro. A Gerry Weber International, segunda maior fabricante alemã de roupas para mulheres, transfere parte da produção da China para locais com custos trabalhistas mais baratos, afirmou o executivo-chefe Gerhard Weber, em entrevista concedida em dezembro. A empresa esperar ter capacidade para transferir a produção com mais rapidez que as rivais.

A Chico's, da mesma forma, procura diversificar sua base de produção para outros lugares além da China. A alta nos salários chineses foi um "importante fator" por trás da mudança, diz Robert C. Atikson, diretor de relações com os investidores da empresa. "Não é fácil, quando a maior parte do mundo tenta fazer a mesma coisa".

Conclusão: Nos próximos dez anos, o impacto inflacionário dos salários cada vez maiores da indústria chinesa elevará os preços por todo o mundo.